

Homilias quaresmais, com ecos da *Laudato si'*

1

Quaresma:

Um tempo para educar o desejo

De novo a liturgia nos propõe o itinerário da Quaresma, para renovar o tecido das nossas relações, a qualidade da nossa vida, que é dom de Deus mas tarefa de cada um de nós, a reinventar em cada dia. É um convite a visitar as motivações pelas quais vivemos, a expressão dos nossos comportamentos, atitudes e estilos de vida (pessoais e comunitários). O Evangelho (de quarta-feira de cinzas) convoca-nos a entrar nesse “quarto” interior, o segredo da nossa consciência, habitado pela presença de Deus, que aí mesmo nos precede para o encontro e o diálogo (cf. Mt 6,6). No meio da agitação das solicitações e das atividades quotidianas, necessitamos de dar a nós mesmos um tempo de fecundidade interior, um certo descanso e tranquilidade. Uma paragem no agir e no fazer, para reencontrar a nossa fonte interior, e dela nos podermos alimentar e ordenar as nossas vidas.

Uma das propostas tradicionais a exercitar neste tempo de Quaresma é o jejum. Trata-se de uma prática comum a todas as práticas religiosas, que Jesus acolhe e propõe, continuamente, aos seus discípulos (cf. Mt 6,16). Jejuar consiste numa privação deliberada de certos alimentos e bebidas. O prazer de comer e de beber reenvia-nos para a raiz dos nossos desejos, para a nossa carência e dependência. A fome e a sede dizem necessidades vitais, mas assinalam também o nosso desejo de satisfação, de abundância, de posse e de domínio. O comer e o beber são um modo de nos relacionarmos com a natureza. Com voragem consumista, ou com sobriedade e frugalidade. Comer e beber são expressões básicas da nossa atitude ecológica, da nossa relação direta com o meio ambiente, com a vida que nos dá vida.

A encíclica do papa Francisco *Laudato si'* pode ajudar-nos na educação do desejo, a que a espiritualidade cristã não cessa de nos convidar. Podemos atravessar o presente tempo da Quaresma como a oportunidade para treinar e crescer num estilo de vida mais sóbrio e frugal, numa capacidade de nos alegrarmos com pouco (o necessário ao nosso equilíbrio vital): «É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres» (*LS*, 222).

Podemos aproveitar este tempo para (re)considerar os nossos estilos de vida, a nossa relação com as coisas, se de liberdade responsável ou de dependência. O jejum poderá ser expressão de uma relação equilibrada com o comer e o beber, com tudo o que nos dá prazer, sabendo celebrar a gratuidade do gozo, mas sem nos deixarmos aprisionar pelo excesso. Neste regresso quaresmal à nossa interioridade e às motivações do nosso agir, podemos procurar reduzir o número das nossas necessidades insatisfeitas, e diminuir o cansaço e a perda de energia que gastamos a procurar satisfazê-las. Tempo para

reconhecer que desejo é uma fonte de fecundidade, de abertura permanente aos outros, à natureza, sem querer, de imediato, apropriar-se e possuir, tornar seu. O nosso desejo insatisfeito pode tornar-se num lugar de aceitação da nossa própria pobreza e carência; como também um lugar de reconhecimento e de celebração do valor dos outros e das coisas: «É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contacto com a natureza, na oração» (*LS*, 223).

Pelo caminho da educação do desejo, através do jejum, vamos renunciando à posse e ao domínio. E assim nos humanizamos.